

EDITORIAL

Adriano Moraes de Oliveira

Editor da Manzuá

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34303

O volume 6, número 1, da Manzuá – Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, é totalmente dedicado à discussão sobre a aprendizagem das artes da cena que ocorreu, primeiramente, durante a pandemia de Covid-19, no evento Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (CIPA), e, após, no período de desdobramentos do debate ocorrido em 2021, no qual os textos que compõem esse dossiê especial “Poéticas do Aprender” foram escritos. Por isso, o Dossiê Poéticas do Aprender trata de questões que foram levantadas no período da pandemia, mas vai além dele apresentando pesquisas que enfrentam o fazer da cena como pedagogia.

Essa é a tônica desse número: um conjunto de textos escritos por e para artistas, docentes, estudantes etc que se interessam pela *poiésis* da cena e entendem seus fazeres no universo do *ludus*.

O desafio de editar um número da Manzuá com um quantitativo expressivo de pessoas envolvidas em textos autorais – alguns em voo solo, outros escritos à muitas mãos – foi vencido sem que a complexidade dessa empreitada fosse minimizada.

O dossiê que ora é apresentado busca guardar o elemento mais importante e com o qual os textos foram confeccionados: o diálogo. Um diálogo que aparece não apenas na sequência dos manuscritos, mas no fluxo quantitativo de autores e autoras que se intensifica conforme os textos se sucedem.

A edição optou por oferecer à leitura um número organizado em dois blocos: o primeiro, composto por artigos de docentes-artistas que tiveram o papel de estimular os debates durante o evento de 2021; o segundo, com relatos que se intensificam na medida em que os textos deixam de ser de uma pessoa e passa a ser de um conjunto.

E é também no coletivo que nos inspiramos para criar uma capa com uma visualidade que fosse ao mesmo tempo simples, direta, de fácil leitura, mas que revelasse o efêmero que se impõe ao trabalho *poiético* do aprender. Evidentemente, e como é percebido em boa parte dos textos, ao aprender está pressuposto a ação de ensinar.

Importante ainda pontuar que ao desafio de editar um número de revista oriundo de um evento científico em que a concisão temática nem sempre é o ponto forte, buscou-se, principalmente, nos textos finais, horizontalizar as autorias. Isso significou a não indicação de autor *versus* coautor, pois na horizontalidade os pesos e medidas tendem a se assemelhar. Vale, então, reforçar que os textos finais dessa edição, embora com nomes indicados, é de autoria coletiva, não havendo qualquer hierarquia entre as pessoas listadas em ordem alfabética.

Diante da alegria de editar esse rico conjunto de reflexões feitas em um momento sombrio de nossa história política é preciso afirmar que o encontro ainda é a melhor solução para o campo da pesquisa em artes da cena em nosso

país. Não há solução fácil, nem encontros ideais, mas como nos lembra o poeta espanhol Antonio Machado,

Caminante, son tus huellas
El camino, y nada más;
Caminante, no hay camino,
Se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
Y al volver la vista atrás
Se ve la senda que nunca
Se há de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
Sino estelas en la mar.

3

Esse poema, do início do século XX, diz muito ao início do nosso século. É ele também que não nos deixa esquecer que aprendemos com os passos que deram outras pessoas, sejam elas publicadas ou não. Se publicadas, ganham eternidade.

É por essa alegria de publicar que vive essa revista.

Por fim, é fundamental registrar agradecimentos à Profa. Dra. Karyne Dias Coutinho, ao Prof. Dr. Jefferson Fernandes Alves e a toda a equipe do Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender.

Boa leitura!